

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

MICHELI CRISTINA PALANDRANI

**A NECESSIDADE DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM DÉFICIT DE ATENÇÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2012

MICHELI CRISTINA PALANDRANI



**A NECESSIDADE DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM DÉFICIT DE ATENÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador (a): Prof. Katia Cardoso Campos Simonetto.

MEDIANEIRA

2012



TERMO DE APROVAÇÃO

A NECESSIDADE DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM DÉFICIT DE ATENÇÃO

Por

Micheli Cristina Palandrani

Esta monografia foi apresentada às 08:20h do dia 01 **de Dezembro de 2012** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a Katia Cardoso Campos Simonetto
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^o João Enzio Gomes
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^o Neron Alipio Cortes Berghauser
UTFPR – Câmpus Medianeira

*Dedico este trabalho a Deus
Que me fortalece nos momentos difíceis
E a mim por todo esforço e dedicação
E pelas vitórias alcançadas até agora.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais e amigos pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

À minha orientadora professora Esp. Katia Cardoso Campos Simonetto que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Aprender é a única coisa de que
A mente nunca se cansa, nunca tem medo
E nunca se arrepende”
(LEONARDO DA VINCI)

RESUMO

PALANDRANI, Micheli Cristina. **A necessidade da afetividade no processo de alfabetização em crianças com déficit de aprendizagem.** 2012. 50f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

A fase da alfabetização é fundamental na vida da criança e se o ambiente estiver preparado para atendê-la poderá fazer toda a diferença. A afetividade poderá ajudar as crianças que estão com dificuldades de aprendizagem ou que tenham déficit de atenção. Assim percebeu-se a necessidade de verificar a relação entre o professor, o aluno e a afetividade, principalmente em crianças com déficit de atenção. Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa e seu objetivo propõe analisar como a afetividade pode influenciar e auxiliar na aprendizagem dos alunos com déficit de atenção na fase da alfabetização. A pesquisa foi realizada em uma escola de rede municipal pública de ensino fundamental nas séries iniciais. A amostra esteve composta por 22 pessoas, sendo 10 professores da rede municipal e 12 alunos matriculados do 2º ao 4º ano. Como instrumento utilizou-se de dois questionários, cada um com 10 perguntas fechadas, direcionadas aos professores e no outro específico aos alunos. Verificou-se com os resultados obtidos que os professores necessitam parar para ouvir mais os alunos e ter uma relação pautada mais na afetividade. Alguns professores acreditam que o principal fator da falta da afetividade seria a ausência dos pais e também que a falta de afetividade ou rejeição familiar tem grande influência no aprendizado do aluno. Conclui-se que a cada dia a escola tem enfrentado conflitos constantes por estarem distantes de laços afetivos. Alguns professores buscam dar oportunidade aos alunos, porém outros ainda têm receio da mudança que a afetividade pode causar. Os alunos buscam atenção e compreensão, porém não estão sendo compreendidos e precisam do olhar diferenciado do seu professor para sanar as dificuldades na aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Dificuldades. Aprendizagem.

ABSTRACT

PALANDRANI, Micheli Cristina. **The need of affection in the process of literacy in children with learning disabilities.** 2012. 50f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

The phase of literacy is fundamental in a child's life and if the environment is prepared to meet it can make all the difference. The affection may help children who are having difficulty learning or who have attention deficit at all stages of its development. Just realized the need to verify the relationship between the teacher, the student and affection, especially in children with attention deficit. Is characterized as qualitative research is and its purpose proposes to examine how affection can influence and assist in the learning of students with attention deficit phase of literacy. The research was conducted in a school of municipal public elementary school in the early grades "A" sample was composed of 22 people, including 10 teachers from municipal and 12 students enrolled in the 2nd to 4th year/series. As a tool we used two questionnaires, each with 10 closes questions, directed to teachers and the other specific students. It was found with the results that teachers need to stop listening to more students and have a relationship guided more affectivity. Some teachers argue that the main factor of the lack of affection would be the absence of the parents and also the lack of affection or family rejection has great influence on student learning. We conclude that every day the school has faced constant conflicts by being away from emotional ties. Some teachers seek to provide opportunities for students, but others still are afraid of change that affection may cause. The students seek attention and understanding, but they aren't being understood and need different look from his teacher to remedy the difficulties in learning.

Keywords: Affectivity. Education. Difificulties. Leaming.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização Geográfica do Município de Nova Esperança.....	29
Figura 2 - Localização Área da Escola Municipal Julio Benatti.....	30

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados Obtidos: Questionário Professores.....	33
Gráfico 2 - Resultados Obtidos: Questionário Alunos.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 A AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	14
2.2 A FASE DA ALFABETIZAÇÃO.....	16
2.3 AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM.....	20
2.4 O QUE SÃO PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM?	21
2.5 OS PROBLEMAS FAMILIARES DURANTE A APRENDIZAGEM.....	23
2.6 A CRIANÇA COM DÉFICIT DE ATENÇÃO	24
2.7 A AFETIVIDADE E A CRIANÇA COM DÉFICIT DE ATENÇÃO.....	25
2.8 INTERVENÇÃO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	28
3.2 LOCAL DA PESQUISA.....	29
3.3 COLETA DOS DADOS	31
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE(S)	44
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO 1.....	45
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 2	48

INTRODUÇÃO

A alfabetização é a fase fundamental na vida da criança, é onde ela descobrirá um mundo desconhecido até então. Sendo assim, o papel da escola é preparar um ambiente acolhedor nas séries iniciais, fazendo com que esta fase seja natural, nada imposto, mais sim fascinante aos pequeninos.

Sabemos que na fase inicial a criança é imatura e necessita de mediação. É de extrema importância, que o professor ao mediar a aprendizagem do aluno fique atento, para entender melhor o seu desenvolvimento e intervir, sempre focado e lembrando que o erro nesta fase faz parte da aprendizagem da criança.

A afetividade nesta fase inicial ajudará as crianças que tenham dificuldades de aprendizagem ou déficit de atenção; pois quando o ambiente é seguro, as crianças sentem-se afetivamente seguras. Portanto a aprendizagem está intimamente ligada ao lado afetivo, e neste caso ajudará as crianças com déficit de atenção mediando sua dificuldade e suprimindo as necessidades através da afetividade.

Estudos demonstram que o déficit de atenção em crianças tem se tornado constante nas escolas e que a questão familiar tem sido uma das causas influenciadoras. As crianças não conseguem entender conflitos familiares, acabam sendo atingidos e transmitindo reações negativas na sala de aula.

Outro ponto desta pesquisa é que a alfabetização necessita de professores que sejam afetivos e que compreendam que há alunos que não aprendem por causa de algumas dificuldades de aprendizagem ou por problemas familiares; alunos que necessitam de intervenção pedagógica, ou até mesmo um encaminhamento com especialistas na área da dificuldade apresentada.

Além disso, estas questões afligem os educadores, que lidam a cada ano com crianças com dificuldades de aprendizagem, que apresentam déficit de atenção e que são afetivamente inseguras. Infelizmente estas não conseguem dar continuidade em seus estudos.

A escola só conseguirá lidar com estes problemas se o educador intervir e mediar a favor de nossos alunos; apresentando a eles alternativas que estimulem seu aprendizado, onde o educador seja extremamente afetivo. As crianças necessitam muito deste lado, pois a afetividade está interligada em todas as

esferas do ser humano e ajudará no desenvolvimento do raciocínio lógico, na coordenação motora, nas ações e na personalidade desta criança.

Para que a criança se desenvolva bem ela precisa de um ambiente afetivamente equilibrado, onde ela receba amor autêntico e onde lhe permitam satisfazer as necessidades próprias do seu estado infantil. Quando isso não acontece, inicia-se uma luta entre o ambiente em que a criança vive e as exigências que ela apresenta, o que faltamente levará a uma situação de desequilíbrio, possível geradora de comportamentos problemáticos ou até patológicos (JOSE, COELHO, p.21).

E ao tratar da alfabetização nas séries iniciais é necessário entender o que é educação, e segundo o autor Libâneo (1985, p.97), diz que: “[...] educar é conduzir de um estado para o outro, é modificar, numa certa direção, o que é suscetível de educação.” Então fica evidente que no ato pedagógico não exista apenas uma via de mão única, a educação é um processo de interligação das pessoas, não existe somente aquele que ensina e o outro que somente aprende; ambos interagem na construção de mudanças. Na educação tem que haver um dinamismo. O educador não é o centro, mas sim o mediador das ações pedagógicas dentro da sala de aula.

Portanto esta pesquisa tem por finalidade analisar como a afetividade pode influenciar e auxiliar na aprendizagem dos alunos com déficit de atenção na fase da alfabetização.

A afetividade no processo ensino aprendizagem fará com que a criança consiga interagir com o meio no qual está inserida, tais como: os colegas, professores e família. O fato de sentir-se segura em sua zona de conforto implicará em resultados positivos para o seu desenvolvimento.

Para tanto o papel do mediador vai além, sugere estimular a criança, provocar conhecimentos que ainda estão adormecidos, os quais ainda não aconteceram. Ao encontrar o erro, este não deverá ser ignorado; a situação de ser aproveitada para mostrar ao aluno que a correção faz parte da aprendizagem, permitindo assim que ele perceba a necessidade de melhorar e buscar novos conhecimentos que ainda não domina.

Neste sentido, a afetividade e a interação com os colegas, o trabalho em grupo e a mediação do professor caminham juntos. Além de estimular a interação social, podendo ser um bom amadurecimento afetivo, que resulte tanto na maturidade cognitiva desta criança quando no aprimoramento dos conhecimentos apreendidos; a afetividade será também um auxílio relevante para educadores que necessitam de um norte, pois essas crianças precisam de muito amor, carinho e de

condições para aprender, atingindo então o pleno desenvolvimento e exercendo a cidadania de forma justa e igualitária.

REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR.

Ao entrar no termo afetividade é necessário um vasto estudo sobre o tema. No contexto atual, as relações estão a cada dia, mais distantes. Com a era da tecnologia e das redes sociais, que aproximam as pessoas através de contatos, mas as impedem de terem uma relação afetiva, olho no olho, abraços, troca de experiências e como os nossos avós nos contavam em rodas de conversas. Por isso é válido compreender o termo afetividade¹ e como interfere nas relações sociais, familiares e políticas.

Segundo Rossini (p. 15, 2001) “[...] o ser humano, pensa, sente, age. Ele pode ter um quociente intelectual (QI) altíssimo, porém, [...]” se as suas emoções estiverem abaladas, bloqueadas a sua ação poderá ser afetada, não será “forte, eficaz, produtiva”. Isso aplica a todo indivíduo e nas crianças em formação, ocorre uma ruptura no aprendizado, um bloqueio emocional, podendo influenciar o aprendizado do aluno a ponto dele não conseguir avançar nos seus estudos, cabendo aos educadores intervir neste processo.

Assim na visão da autora, qual é a proposta da pedagogia afetiva?

As crianças devem ter oportunidades de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso (ROSSINI, que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço. A falta de afetividade leva á rejeição aos livros, a carência de motivação para aprendizagem, á ausência de vontade de crescer. Aprender 2001, p.15-16).

A afetividade familiar deve ser a primeira forma de interação com o meio. À medida que a criança interage constrói relações, ela apresenta uma gama de emoções que serão mediadas a princípio pela família, que traz o sentimento de conforto e prazer. Isso trará a ela um ambiente confortável, desde que este seja favorável a aprendizagem desta criança.

Segundo Zucchi (2006) apud por Lima e Sousa (1984, p. 9), “a afetividade compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as

¹Afetividade: De acordo com o Dicionário Globo (1995, p.220), a afetividade caracteriza por qualidade do que é afetivo; faculdade afetiva. Afetivo: Relativo a afeto, que denota afeição, sentimental, afetuoso, dado a afetos.

paixões, ou seja, a capacidade de experimentar, vivenciar sentimentos e emoções”. Sabemos que o ser humano é dotado dessas características que são positivas, e que e permiti crescer, mas é preciso praticá-las.

No entanto, essa relação professor-aluno permite impulsos motivadores quando explorada pelo docente, de forma correta; assim o aluno vivenciará relações sociais que permeiam a vida do ser humano e o conduzem para uma melhor existência.

Então ao observar essa relação afetiva direta ou indireta entre ambos, esta poderá influenciar no comportamento do educando dentro do ambiente escolar; entretanto percebe-se que os professores preferem distanciamento desta convivência ao invés de ter laços afetivos, pois esta aproximação pode gerar desconforto em sala de aula (LIMA, SOUSA, 1984).

Inconscientemente em suas ações o docente reprime aquele dito aluno bagunceiro sem conhecê-lo, sem ter laços afetivos com ele, sem que haja uma tentativa de ajudá-lo. Os professores reconhecem que o lado afetivo é importante, mas estão preferindo deixar de lado, sem vivenciar ou praticar tal ação com seus alunos.

Por outro lado todas as emoções devem ser exploradas de forma prazerosa, pois a criança se sentirá segura, protegida e isso poderá resultar em aprendizagens significativas para a vida deste indivíduo.

A relação professor e aluno intensificam-se quando o processo de construção do conhecimento é pautado nas relações de afetividade. Existem trocas de emoções, de conhecimento, de respeito mútuo, quando bem conduzida pelo mestre o rendimento escolar tende a aumentar.

A criança entende a hora que é cobrada, sabe quando pode chegar até o professor e fazer algum tipo de brincadeira, conversar sobre assuntos pessoais, ou seja, ter uma boa comunicação, consolidando este laço de confiança afetiva entre ambos.

2.2 A FASE DA ALFABETIZAÇÃO

A criança ao nascer depara-se com um mundo cheio de linguagens que permite reconhecer os pais, a família, os sons e tudo que está a sua volta com relação à linguagem. Isto se deve ao processo de vida natural da criança.

A linguagem é o primeiro contato do ser humano com o mundo. Desde o nascimento a criança é rodeada por um mundo de idéias, no princípio, representado por sons, gestos, imagens com as quais a criança vai se inteirando, reconhecendo, assimilando as impressões do mundo que a circunda. Desde que nascem, são construtoras do conhecimento (FERREIRO, 2000, p.188 apud SITTA, 2005, p.16).

No período de alfabetização os educadores estarão estimulando nas crianças todas as formas de expressões e linguagens. Nesta fase constroem seu próprio conhecimento a partir da mediação do educador. É necessário que o ambiente seja propício para esta criança e que possamos entender que o desenvolvimento dela passa por fases.

Segundo métodos construtivistas, a escrita passa por fases de desenvolvimento que permite ao professor acompanhar esta criança que passará por várias etapas de seu aprendizado, ou seja, construirá hipóteses acerca da escrita. Estas fases ou hipóteses estão descritas por autoras como Emília Ferreiro, e Ana Teberosky, que citam que o desenvolvimento passa por níveis, tais como:

Nível 1: **Hipótese Pré-Silábica;**

A criança:

- não estabelece vínculo entre fala e escrita;
- demonstra intenção de escrever através de traçado linear com formas diferentes;
- usa letras do próprio nome ou letras e números da mesma palavra;
- caracteriza uma palavra como letra inicial;
- tem leitura global, individual e instável do que escreve: só ela sabe o que quis escrever;

Nível 2: **Intermediário I;**

A criança:

- começa a ter consciência de que existe alguma relação entre pronúncia e a escrita;
- começa a desvincular a escrita das imagens e os números das letras;
- conserva as hipóteses da quantidade mínima da variedade de caracteres.

Nível 3: **Hipótese Silábica;**

A criança:

- já supõe que a escrita representa a fala;
- tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro às letras;
- já supõe que a menor unidade de língua seja a sílaba;

- em frases, pode escrever uma letra para cada palavra.

Nível 4: Hipótese Silábico-Alfabética ou Intermediário II;

A criança:

- inicia a superação da hipótese silábica;
- compreende que a escrita representa o som da fala;
- passa a fazer uma leitura termo a termo; (não global)
- consegue combinar vogais e consoantes numa mesma palavra, numa tentativa de combinar sons, sem tornar, ainda, sua escrita socializável. Por exemplo, CAL “para cavalo.”

Nível 5: Hipótese alfabética.

A criança:

- compreende que a escrita tem função social;
- compreende o modo de construção do código da escrita;
- omite letras quando mistura as hipóteses alfabéticas e silábicas;
- não tem problemas de escrita no que se refere a conceito;
- não tem ortografia e nem léxica.

(FERREIRO, TEBEROSKY apud GOELLNER, 2008).

A aprendizagem escolar é considerada um processo natural da criança; nas séries iniciais existem grandes dificuldades com relação à leitura e a escrita. As dificuldades de aprendizagem na criança são detectadas nestas fases descritas acima. Para isso, o professor deverá estar atento a todas as atitudes suspeitas que possam surgir neste período.

Segundo Santos, Silva, Virgens, et. al. (2009) abordam para a verificação de nível da criança a sondagem tenha etapas, “[...] é sugerido um ditado de quatro palavras (uma monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba e uma polissílaba) e uma frase [...]” dita para hipótese de escrita, para então conceituar o nível de desenvolvimento do aluno. É necessário que o educador peça à criança que leia o que escreveu para entender como ela lê e codifica os símbolos expressados por ela, observando que hipóteses de escrita firmaram naquele momento.

É interessante observar que o processo de desenvolvimento formal da criança está em construção sendo assim, no processo da escrita e leitura ela necessitará que o educador a estimule, que haja uma interação com o meio. Após isto o professor poderá utilizar a sondagem como meio de intervir no nível de desenvolvimento e de mediar este aluno caso haja algum tipo de dificuldades em sua aprendizagem.

“A competência técnica do professor alfabetizador se apóia em sólidos e profundos conhecimentos de lingüística e dos sistemas de escrita (de matemática e de ciência inclusive...). Esses conhecimentos aliados aos de pedagogia, psicologia fazem dele um profissional que sabe exatamente o que faz e por que faz de um jeito e não de outro. Se formássemos de maneira correta nossos professores alfabetizadores, teríamos, neste país, em pouco tempo outra realidade em termos de analfabetismo” (GAGLIARI, 1999, p.34).

De acordo com este autor, o processo de alfabetização tradicional aconteceu através das cartilhas, todos os métodos aplicados neste período tinham como fator principal alfabetizar o indivíduo com intuito de preparar apenas para apresentação de matérias, associação de exercícios repetitivos, visando apenas no conteúdo. Era um método expositivo na qual apenas o professor era o detentor do conhecimento. E aqueles alunos que não seguiam os seus mestres eram retidos, e ditos até de incapazes. O autor explica como é este processo:

A alfabetização que poderia e deveria ser um processo de construção de conhecimentos que de certa maneira se faz com facilidade, tornando-se um pesadelo na escola. A razão principal é a atitude autoritária da instituição escolar. A autoridade escolar funciona melhor quando os alunos estão domados (CAGLIARI, 1999, p.32).

Para o mesmo autor é válido analisar este processo de alfabetização, sabe-se que estes modelos centralizados no poder burocratizam o ensino e impedem que o mesmo avance. Estes métodos tradicionais tiveram grandes benefícios para a alfabetização, a escola consistia em preparar o indivíduo intelectual e moral, com o compromisso centrado na cultura, que são valores importantes para os educandos que anseiam viver em sociedade; mas que também pecou visando a aprendizagem apenas mecânica, através de coação e não conseguia ver a criança como criança. Deste modo, estas manifestações na prática escolar estão presentes até hoje em nossas escolas.

Cagliari (1999, p. 32) destaca que “Enquanto a alfabetização escolar ficou presa á autoridade de mestres, métodos e livros [...]”, essas abordagens tiveram dificuldades em alfabetizar, e de fato necessitaram de uma nova intervenção para dar conta do processo de alfabetização.

A fase da alfabetização é uma grande expectativa para as crianças, e que afeta tanto, os pais, professores, diretores e os demais funcionários da escola. O processo de adaptação não se resume apenas nos primeiros dias; além disso, as cobranças, as imposições, os medos, as inseguranças tudo isso está incluído na fase inicial de alfabetização deste aluno, assim podemos entender um pouco este contexto quando CAGLIARI (1999, p.33) cita que:

Porém, nos primeiros anos iniciais, as crianças resistem mais, porque ainda não aprenderam a se submeter a tudo o que ouvem e vêem. A individualidade ainda é uma marca forte da personalidade das crianças, mas infelizmente, já não se pode dizer o mesmo dos alunos das series finais, sobretudo de níveis mais alto de escolaridade.

Tudo é novo para a criança e acatar as regras implica em aprender a ouvir; e que nesta fase inicial, os pequeninos apresentam grandes dificuldades no ouvir, em sentar-se, dividir, compartilhar, cooperação, interação com os amigos, tudo isso permite a mediação do professor, aqui existirão crianças incapazes de se colocar no lugar do outro, mas que aprenderão todas essas regras até a fase final de sua alfabetização e outros que nunca conseguirão serem adultos cumpridores de seus direitos e deveres.

A escola então não deve ser vista apenas como um lugar da transmissão de conhecimento, e sim como um espaço da formação da personalidade daquele indivíduo que ali está. Então surgiram modelos de valorização do processo de alfabetização, que estava centrado no aluno.

Por outro lado, as propostas de valorização do processo de alfabetização vêm com intuito de criar um clima e um ambiente saudável, valorizando a criança e sua construção do conhecimento, assim uma interação entre o aluno e seu professor implicava em saldos positivos para todo o trabalho de formação deste indivíduo (CAGLIARI, 1999, p.32).

Porém de acordo com a citação acima, este ambiente favorável pede que os docentes estejam preparados para receberem estas crianças, e conduzirem para a sua a formação tanto social quanto educacional, na qual sabemos que a interação entre eles auxilia na relação professor e aluno.

Seguindo o contexto do autor, Cagliari (p.32) o que impede que o ensino avance é a burocracia imposta às escolas através dos órgãos públicos, que por diversas vezes, travam o processo de educação com leis que não permitem uma real educação de qualidade. Como aconteceu com algumas teorias da aprendizagem que houve falência.

Para que isso não aconteça, a nossa educação necessita que todos caminhem juntos num processo de alfabetização total, visando o crescimento do aluno. Quando não há uma verdadeira gestão participativa do processo de ensino tudo caminha para o caos. O quadro atual da educação nesta fase de alfabetização está delegado a cada instituição e a criança se necessário uma mudança de escola, sente-se perdida neste contexto burocratizado.

Na verdade o processo de alfabetização deveria ser a todo ano avaliado, os professores formadores necessitam de cursos de qualificação eficientes, não apenas de títulos que servem apenas para guardarem de recordação. Os novos professores que adentram a escola estão indo para as salas de aula alfabetizando sem saber o

que realmente seria este processo de alfabetização, a escola tem que aprender a mediar todo esse processo de mudanças instalados na educação atual.

Então nossas crianças que trazem em si, dificuldades de aprendizagem decorrentes de inúmeros fatores, têm que superar todos esses conflitos. E os professores precisam aprender a ter um olhar diferenciado para o novo, de maneira a acrescentar novos desafios para a sua intervenção pedagógica.

2.3 AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM

As crianças ao entrarem na escola necessitam de orientações, pois ainda não possui uma maturação sobre as coisas simples que fazemos como segurar um objeto. Constrói um mundo irreal de fantasias, o raciocínio ainda é abstrato e trazem consigo o egocentrismo e as dificuldades de aprendizagem. É necessário um olhar criterioso nesta fase de desenvolvimento da criança, para poder então detectar qualquer tipo de dificuldades que possam impedir o pleno desenvolvimento.

O que é aprendizagem²? E como acontece a aprendizagem no ser humano?

Segundo Jose e Coelho (2001, p.17) o aprendizado acontece no homem através da ação do aprender, o tempo que cada indivíduo leva para este processamento de aprendizado dependerá de suas experiências e de seu metabolismo. Vale ressaltar que aprender é um processo contínuo, a criança não aprende apenas em casa ou na escola, mas sim nas relações vivenciadas a todo instante por ela.

A criança quando nasce já começa seu processo de aprendizagem. É na fase escolar, que o aluno passa a ser elemento importante na construção do aprender. Após o professor conduzirá a este saber elaborado, sendo o facilitador da aprendizagem, respeitando as diversidades, demonstrando afeto nesta relação e a busca por situações de aprendizado. E em seguida o ambiente propício resultará esta aquisição de conhecimento. Deve-se levar em conta toda bagagem cultural trazida por ele.

É a família quem primeiro proporciona experiências educacionais à criança, no sentido de orientá-la e dirigi-la. Tais experiências resumem-se num treino

² Aprendizagem: A definição de aprendizagem no dicionário BUENO (2000, p.57), diz que vem do aprender. v.t. .Tomar conhecimento de ; ficar sabendo, reter memória; estudar; int.instruir-se. A.pren. der.

que, algumas vezes, é realizado no nível consciente, mas que, na maior parte das vezes, acontece sem que os pais tenham consciência de que estão tentando influir sobre o comportamento dos filhos (JOSÉ, COELHO 2001, p.12).

De acordo com os mesmos, “a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência” (2001, p.11).

É no período da alfabetização, que as dificuldades de aprendizagem aparecem latente nas crianças, muitos alunos têm um convívio familiar desestruturado. Tendo crianças que viram adultas cedo, outras que são criadas nas ruas e os pais não querem seus filhos. Assim são os avôs que cuidam desta criança e de sua aprendizagem, tornando uma geração de conflitos internos que repercutem na escola, dentro da sala de aula, mediante aos conteúdos causando sérios problemas de aprendizagem para esta criança.

As escolas devem ter a preocupação focada nos alunos, entender estas crianças como indivíduos participantes do processo ensino aprendizagem. Trazendo consigo experiências de vida diferente do professor e com anseios e preferências que nem sempre são as mesmas que as nossas. Temos que trabalhar com os alunos seus direitos e deveres, para os mesmos compreender o processo de troca mútua. Assim torna-se imprescindível valorizar toda história pessoal e cultural de nossos alunos.

Após a criança estar alfabetizada, enfrentará outros desafios em sua aprendizagem. Sabemos que o desenvolvimento é um processo constante e com ele o indivíduo irá sofrer modificações no decorrer de sua existência. Incluindo alterações na personalidade, comportamento, amadurecimento, principalmente o desenvolvimento físico e neurológico. Todos esses fatores contribuirão ou não para alguns tipos de problemas de aprendizagem.

2.4 O QUE SÃO PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM?

O educador na fase de alfabetização começa detectar problemas ou dificuldades de aprendizagem. Algumas dificuldades são normais do

desenvolvimento da criança, outras o educador necessitará de uma intervenção especializada para analisar se existe um distúrbio de aprendizagem mais severo.

Para José e Coelho (2001) os problemas de aprendizagem nas crianças podem acontecer ao chegar ao ambiente escolar e também após estarem inseridos no meio. Assim ao se deparar com situações diferentes do cotidiano individual de cada um, poderá manifestar algum tipo de distúrbios que requer uma investigação minuciosa.

Podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação (J. PAZ apud JOSE, COELHO, 2001, p.28).

Com tudo, o processo de dificuldades na aprendizagem para alguns alunos na sala de aula é doloroso. Os profissionais da educação sentem-se com as mãos amarradas, pois, os processos de intervenções destas crianças podem durar até anos de transtornos e sofrimentos, até conseguirem que os pais entendam que os filhos precisam da ajuda de um especialista nesta área.

Existem alguns fatores que podem desencadear um problema ou distúrbio de aprendizagem. São considerados fundamentais:

- Fatores orgânicos: saúde física deficiente, falta de integridade neurológica (sistema nervoso doentio), alimentação adequada etc.
- Fatores psicológicos: inibição, fantasia, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimentos generalizado de rejeição etc.
- Fatores ambientais: o tipo de educação familiar, o grau de estimulação que a criança recebeu desde os primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação, etc. (JOSE, COELHO, 2001, p.23).

Diante desses fatores citados muitas crianças tem enfrentado algum tipo de dificuldade de aprendizagem e o educador é aquele que deverá estar atento para tais problemas que possam aparecer na aprendizagem de nossos alunos.

O quadro atualmente de crianças com defasagem nas escolas públicas tem aumentado a cada ano, alunos ficam retidos nas séries iniciais e em decorrência de alguns tipos de dificuldades de aprendizagem não conseguem avançar para o próximo ano. Dificultando o trabalho do professor de sala de aula, que muitas vezes não conseguem trabalhar com estes alunos ditos problemáticos.

Existem diversas patologias que podem interferir no processo de ensino aprendizagem na fase escolar da criança, então é necessário um olhar criterioso sobre este aluno. O professor deverá estar atento.

2.5 OS PROBLEMAS FAMILIARES DURANTE A APRENDIZAGEM

Os problemas familiares interferem no aprendizado dos alunos, percebe-se que neste século, os distúrbios de comportamento, tem se refletido em sala de aula o desequilíbrio emocional, social, latente nos alunos. A qual os pequeninos não conseguem conciliar os problemas familiares e o estudo.

Ao adentrar na escola a criança tem vivência familiar enraizada em seu comportamento. A família é a primeira instituição, a qual está criança tem contato contínuo e aprende a socializar de acordo com a cultura familiar imposta.

Para José e Coelho (2001, p. 187) a família apresenta várias características:

- A família encabeçada por pais devido à separação ou morte de um deles: a criança sente falta do outro ser (mãe ou pai) para identificar, mas a ausência pode ser substituída por avós, tios, primos etc.
- A família constituída também pelos avós (um ou ambos), que moram juntos: desenvolve na criança uma relação diferente da que ela tem com os pais e traz muitas vezes problemas sérios no que diz respeito á sua educação (avós permissivos e pais autoritários ou vice-versa).
- A família em que os cônjuges são de raça ou religião diferentes: provocam na criança controvérsias entre linguagens, os aspectos físicos e formação religiosa.
- A família formada de um segundo casamento de um dos pais: exige uma adaptação muito delicada da criança ao novo pai ou á nova mãe.

É necessária uma investigação acerca da família quando a criança apresenta algum tipo de dificuldades na aprendizagem, para verificar causas e efeitos que influenciam no aprendizado dela.

Percebe-se que o mais freqüente é a separação dos pais, que exalam rumores de inquietude nos pequeninos. Tudo é revelado através de suas atitudes e às vezes a criança acaba soltando o que esta acontecendo em casa. Fazendo relatos das situações vivenciadas, de brigas constantes e até agressões.

Outro estilo de família que tem preocupado os educadores é aquela em que a mãe é superprotetora, não permitindo que o filho desenvolva suas habilidades e impede que haja socialização com os colegas de turma. Isolando este indivíduo e fazendo com que a criança não se desenvolva por completo.

Outro tipo de desestrutura familiar é quando o pai utiliza-se de drogas, álcool e passa a usar excessivamente o esse tipo de drogas, prejudicando e causando uma série de distúrbios em seu comportamento. Prejudicando a relação afetiva com a criança.

A instituição ao receber este aluno precisa acolhê-lo e auxiliá-lo para que ele lide com os problemas familiares sem interferir no seu processo de ensino e aprendizagem.

2.6 A CRIANÇA COM DÉFICIT DE ATENÇÃO

O termo criança no Dicionário Bueno (2000), caracteriza como “menino, menina; ser humano na fase infantil.” A criança apresenta-se em formação em todas as áreas do seu desenvolvimento, sendo, intelectual, psicológico, cognitivo, emocional e físico.

A criança desde pequena busca, dentro de suas possibilidades, meios de comunicação, desde o choro, o riso, expressões corporais, até quando está começa a sua própria oralidade, quando começa a falar e a brincar. Em seguida entra na escola e encontra diversos meios de comunicação como a escrita e o desenho, fazendo deste ambiente escolar aquisição para o seu desenvolvimento cognitivo e psicológico (RAPOPORT; SARMENTO, 2009).

Com relação à atenção, deve-se destacar que a criança no período de alfabetização necessita estar atenta a todos os comandos do professor. É importante que enquanto educadores notem ao se deparar com uma criança que apresenta inquietações, não conseguem prestar atenção, parece não ouvir quando fala com ela, tem dificuldades em realizar tarefas, sai do lugar o tempo todo e com dificuldades de socialização. É necessário buscar opiniões acerca dos problemas existentes em nossa sala de aula.

Então fica explícito que a atenção está presente e participa ativamente na conduta humana desde a entrada do estímulo até a resposta motora. Sendo que a atenção:

É uma condição básica para o funcionamento dos processos cognitivos, já que envolve a disposição neurológica do cérebro para a recepção dos estímulos. Permite-nos manter os sentidos e a mente pendentes de um estímulo durante um determinado prazo de tempo, além disso, permite-nos escolher e selecionar estratégias mais adequadas para o objetivo perseguido (GÓMEZ, TERÁN, p.55).

O mesmo autor contextualiza que atualmente a falta de atenção está presente desde a pré-escola, passando nas séries iniciais e fazendo parte das séries

finais. Se não diagnosticadas no início enquanto crianças, apresentará problemas de atenção e quando adultos terão dificuldades de convivência na sociedade moderna.

Porém a variabilidade dentro dos déficits é enorme, encontramos crianças as quais é difícil focar a tensão ou cujos lapsos de atenção são breves. Dispersam-se com facilidade quando estão em grupos. Ao observar o corpo de criança desatenta podemos ver a mudanças posturais, descargas motoras, condutas exploratórias, desvio de olhar, etc. Todas as condutas alteram a necessária atitude de recepção atitude postural que exige a tenção seletiva.a grande maioria destes problemas é facilmente resolvida estabelecendo normas, rotinas e horários que ajudarão a criança a desenvolver-se melhor (JOSE, COELHO, 2011, p.134-135).

Com base no autor fica evidente que crianças com falta de atenção deverão ser orientadas por educadores e profissionais especializados. Quando o ambiente for favorável a criança, esta consegue assimilar a rotina de maneira natural na qual permitirão o apoio necessário para tal conduta.

Existe outro tipo de grupo cujas dificuldades atencionais são mais sérias. Referimo-nos as crianças com Síndrome de Déficit de Atenção, que na realidade não constitui um problema de aprendizagem em si. No entanto é encontrada em alguns casos com problemas de aprendizagem. “Neste caso esta síndrome pode ser acompanhada por hiperatividade tendo característica particular e uma constante inquietação” (GÓMEZ, TERÁN, p. 136).

Segundos alguns estudiosos como Rodhe e Mattos (2003) o TDHA afetava o comportamento a princípio somente em meninos, mas sabe-se que esses distúrbios estão presentes em ambos os sexos e em várias faixas etária.

2.7 A AFETIVIDADE E A CRIANÇA COM DÉFICIT DE ATENÇÃO

Essa relação pautada na afetividade para crianças que apresentam algum tipo de desatenção ou até mesmo o déficit de atenção contribui para a maturidade da criança, no seu desenvolvimento cognitivo, raciocino lógico, memória e as demais habilidades que possam estar comprometidas.

Muitas vezes entendemos que o aluno que é desatento ou não presta atenção nas aulas é hiperativo, até possui um quadro de déficit de atenção. Os educadores se encontram sem condições de afirmar tal conduta, apenas quando esta criança for

avaliada consegue-se entender tal ação praticada por ela. Antes disto não seria nada ético fazer pré-diagnóstico de maneira a expor a criança.

Para Gómez e Terán, (s/a, p. 136-137) existem alguns comportamentos que podem ser observados em crianças que possui transtorno de atenção por hiperatividade, que deverão ser considerados para diagnosticar por especialistas, assim como explicam a seguir:

1-Desatenção: Para poder falar de desatenção, seis ou mais dos seguintes sintomas deve haver persistido durante seis meses, com uma intensidade que signifique uma má adaptação e seja incoerente em relação ao nível de desenvolvimento.

- Fracassa com freqüência em prestar atenção aos detalhes ou comete erros por descuido numa tarefa escolar, no trabalho ou outras atividades.
- Freqüentemente tem dificuldades para manter a atenção nas tarefas ou no desenvolvimento de atividades lúdicas.
- Com freqüência não parece escutar o que está sendo dito a ela.
- Freqüentemente não cumpre instruções e fracassa ao realizar suas tarefas escolares, domésticas ou obrigações no seu local de trabalho (não devido a condutas de oposição ou dificuldades para compreender as indicações).
- Com freqüência tem dificuldades para organizar tarefas e atividades.
- Muitas vezes evita ou desagradam-lhe muito as tarefas escolares e domésticas que exigem um esforço mental continuado.
- Com freqüência perde coisas necessárias para tarefas e atividades (livros, ferramentas, lápis, brinquedos, etc).

2- Hiperatividade: Para poder falar de hiperatividade - impulsividade, seis ou mais sintomas tem de haver persistido por pelo menos seis meses e provocado uma má adaptação, incoerente com o nível de desenvolvimento.

- Levanta-se da cadeira na sala de aula ou em outras situações nas quais se espera que permaneça sentada.
- Com freqüência corre ou escala excessivamente em situações inapropriadas. Esta conduta no adolescente ou adulto pode se limitar a sentimentos subjetivos de impaciência.
- Freqüentemente tem dificuldade para brincar ou conectar-se com tranqüilidade em atividades recreativas.
- Muitas vezes esta em movimento ou costuma agir como se tivesse um motor.
- Com freqüência fala excessivamente.

Impulsividade

- Com freqüência responde abruptamente a perguntas antes de escutá-las de forma completa.
- Tem dificuldades para esperar em fila ou aguardar sua vez em jogos ou situações grupais.
- Freqüentemente interrompe ou se intromete nas atividades dos outros (conversas, brincadeiras, etc)

Diante de tantos dados sobre as dificuldades de comportamentos os profissionais da educação poderão ficar atentos e observar algum distúrbio que possam ocorrer com estas crianças na fase da alfabetização; encaminhando-as para a devida orientação com profissionais especialistas.

O olhar dos docentes para estas crianças devem ser direcionados na afetividade, assim este se sensibilizará pela causa daquele aluno que necessita da

estimulação, do olhar para ele como um aluno normal, que não possui nenhum tipo de deficiência física, mas que apresenta limitações e carece de auxílio para conseguir aprender. É necessário refletirmos, enquanto educadores, sobre como a nossa visão está atingindo nossos alunos.

2.8 INTERVENÇÃO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Há muitos anos atrás o professor era o detentor do conhecimento, o aluno era visto apenas como um depósito de conteúdos e não podia expressar os conhecimentos trazidos consigo. Havia dificuldades de relação entre professor e aluno. Hoje se percebe que o educador não é o centro, mas sim um líder e mediador das ações pedagógicas dentro da sala de aula.

Alguns professores tem muita dificuldade em olhar para seus alunos e enxergar o que se passa com eles. Na maioria das vezes sabem apenas aplicar o que aprenderam nas escolas de formação ou em livros, sem levar em conta se aquele é o momento adequado para o que pretendem fazer e se aqueles alunos se enquadram ou não no caso que querem aplicar. A insensibilidade dos professores, da escola e dos órgãos públicos com relação ao processo de aprendizagem é latente e geralmente catastrófica para o ensino (CAGLIARI, 1998. p38).

Neste processo de alfabetização a relação professor-aluno precisa ser baseada na afetividade, nada de imposições. Deste modo, o aluno se sentirá capaz e seguro, pois terá acesso a um ambiente favorável e agradável, e não apenas uma sala de aula fria, com metodologias tradicionais que visam apenas decodificar códigos e símbolos.

No entanto, a criança com dificuldades de aprendizagem só conseguirá realizar as atividades propostas se não for taxada pelo professor de incapaz, pois muitos profissionais encaram esse processo como se os alunos tivessem algum bloqueio, quando na verdade apenas apresentam limitações na aprendizagem.

Segundo Cury em seu livro Pais Brilhantes e Professores Fascinantes (2003, p. 64), cita que o “hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver: auto-estima, estabilidade, tranqüilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar”. Então, fica evidente que o educador é quem conduz todo esse processo utilizando a afetividade na interação com o educando, despertando-lhe sentimentos de prazer, alegria, felicidade e auto-estima; não permitindo que atitudes agressivas dos alunos afetem seu equilíbrio emocional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, que segundo Creswell (2010, p.211), “a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com participantes.

De acordo com o mesmo autor “a investigação qualitativa entrega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados” (p. 206).

E também cita que:

A idéia que está por trás da pesquisa qualitativa é a **seleção intencional** dos participantes ou locais (ou dos documentos ou do material visual) que melhor ajudarão o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa (p. 212).

A pesquisa abrange o estilo bibliográfico, com levantamento de dados, que segundo Cervo (2007, p.61), “procura explicar um problema através de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses analisando teoricamente os fatos registrados por diversos autores.”.

O estudo foi baseado em livros, artigos, teses, dissertações, pesquisas em bibliotecas de diversas faculdades, materiais de cursos e sites eletrônicos, tendo fundamentação teórica e argumentação baseado em autores e pesquisas de estudiosos. Em num outro momento tem como metodologia a coleta de dados de campo, através do instrumento selecionado.

O instrumento utilizado foi composto por dois questionários. Um questionário foi direcionado aos docentes e outro específico aos alunos. Cada questionário foi composto por 10 perguntas fechadas, tendo entre as alternativas as letras A, B, C e D. Todas referentes ao tema a fim de analisar e sustentar a relação entre afetividade, aprendizagem e déficit de atenção.

Diante da relevância do tema optei em realizar uma pesquisa que tem técnicas metodológicas, análise e descrição dos dados. Esta pesquisa foi embasada de acordo com as questões éticas.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no município de Nova Esperança, situado na região Noroeste do Estado do Paraná, com uma população de 25.719 habitantes com uma área total de 402.000 km².

A figura abaixo demonstra a localização geográfica do município de Nova Esperança.



**Figura 1: Mapa de Satélite da Localização Geográfica do Município de Nova Esperança - PR.
Fonte: Google Earth (2012).**

Um breve relato sobre o nome do município de Nova Esperança, considerada por muitos anos a Capital da Seda. O município começou a ser povoado no início 1948, quando vieram correntes migratórias de todas as regiões brasileiras. O local era conhecido como Capelinha, pois uma comitiva em suas andanças - em busca de colonização - encontrou às margens do Córrego Bigui uma pequena Capela, construída de tijolos toscos, sem portas, coberta de sapê. Possuía em seu interior a imagem do Santo Sagrado Coração de Jesus, hoje padroeiro da cidade. A comitiva era composta por Antonio Moraes de Barro, advogado e então Presidente da Companhia de Terras Norte do Paraná, Arthur Thomaz, Engenheiro, Louis Reed, Consultor Técnico Dr. Gastão de Mesquita Filho e o engenheiro construtor da Nova Estrada de ferro São Paulo, Heitor Machado.

A mudança do nome de Capelinha para Nova Esperança deu-se à existência de outra cidade chamada Capelinha, situada no interior do Estado de Minas Gerais e a Constituição Brasileira não permitia que duas cidades possuíssem

o mesmo nome. O nome de Nova Esperança presume-se que tenha sido escolhido porque já existia o povoado de Esperança (Barão de Lucena). Também indicava uma vida melhor nas terras do Paraná para os que aqui viessem em busca de dias melhores para suas famílias.

Sabe-se que os primeiros moradores foram: José Xavier de Barros, Dona Benedita Xavier de Barros, Heriberto Brunning, Goldschid Heng, João Miranda, José Rodrigues, entre outros.

Mas foi no dia 14 de dezembro de 1952, quando tomou posse o primeiro prefeito eleito, que foi instalada a nova unidade administrativa, com o nome de Nova Esperança. Atualmente, a cidade possui dois Distritos Administrativos. O distrito de Barão de Lucena, criado pela Lei nº 62, de 29/05/54 e, antes de sua criação chamou-se povoado Esperança, criado pela Lei nº 790, de 14/11/51, possuindo hoje 1.500 habitantes. O segundo distrito é o de Ivaitinga, criado pela Lei nº 266, de 10/06/60, hoje com 2.500 habitantes.



**Figura 2 – Localização Aérea da Escola Municipal Júlio Benatti –Ensino Fundamental.
Fonte: Google Earth (2012).**

Já a pesquisa aconteceu na Escola Municipal Julio Benatti, da cidade de Nova Esperança. Tendo uma população com 190 alunos, matriculados nesta escola de período integral, na qual está construída pelo menos há cinco anos, num bairro de periferia, com alunos dentre 05 até 14 anos de idade. A procura da escola tem

aumentado devida ao contra turno oferecer oficinas diferenciadas tais como; dança, música, informática, videoteca, artesanato e brinquedoteca.

3.3 COLETA DOS DADOS

A coleta de dados ocorreu na Escola Municipal Julio Benatti de Ensino Fundamental e de Período Integral, na qual participaram professores e alunos. A amostra foi composta por 10 professores, sendo professores dos 1º anos A e B, 2º anos A e B, 3º anos A e B, 4º ano A e 4ª série A e B e uma professora de Educação Física.

Na entrega dos questionários com os docentes todos estavam presentes e colaboraram em realizar o questionário. Foi realizada uma explicação sobre o tema e os objetivos da pesquisa. Em seguida cada um recebeu uma cópia do questionário (anexo A). Os mesmos tiveram o prazo de dois dias para responder e entregar a pesquisadora.

Para a seleção de alunos foi proposto aos professores que enviassem apenas aqueles com dificuldades de aprendizagem e Déficit de Atenção. Alunos que já foram encaminhados e fazem acompanhamento com médicos especialistas. Participaram no total 12 alunos com idade entre 7 a 14 anos, o instrumento foi aplicado com a participação da vice-diretora da escola.

O ambiente foi organizado para receber os alunos individualmente, cada um teve a sua vez para responder as questões e o tempo foi livre, conforme a necessidade de cada criança. Houve auxílio e mediação quando necessário, caso o aluno pedisse ajuda para entender.

Os dados coletados pela pesquisa feita com alunos e professores têm como critério a análise e comparação entre as respostas.

Para Lakatos e Marconi (2002), é a fase da pesquisa, onde começa a recolher informações e dados, selecionados através de técnicas que compõe uma investigação sobre o tema pesquisado. E ainda cita que: “O rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos resultantes de entrevistadores inexperientes ou de informantes tendenciosos” (p. 32).

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados e comparado, através dos questionários aplicados aos professores e alunos e do ambiente observado. Assim as respostas obtidas foram organizadas e transcritas através de tabelas para classificar e interpretar os dados recebidos, registrando, portanto como acontece esta relação, professor-aluno-afetividade.

De acordo com Marconi e Lakatos (2002) a análise de dados esta em relacionar os fenômenos pesquisados e outros elementos, podendo haver relação entre causa e efeito, correlações, análise de conteúdos, entre outras possibilidades.

[...] a elaboração da análise, propriamente dita, é realizada em três níveis:

- a. **Interpretação.** Verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente) a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente).
- b. **Explicação.** Esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente).
- c. **Especificação.** Explicação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando) (MARCONI; LAKATOS, p. 35, 2002).

Portanto, os dados serão analisados e descritos nos gráficos que estarão descritos nos resultados, comparando como a afetividade é importante nas relações humanas.

4 RESULTADOS

Este momento é reservado para discriminar os resultados da pesquisa realizada através de questionários. Também se faz uso deste item para discutir e contextualizar através dos resultados, baseando e confrontando com outros estudiosos. Esta pesquisa se utilizou de dois questionários e analisará os resultados separadamente para depois compará-los.



Gráfico1- Resultado do Questionário aplicado aos professores.

Legenda: P= pergunta.

Fonte: Escola Municipal Julio Benatti.

Como se pode observar no gráfico 1, é perceptível que na pesquisa as respostas vão ao encontro uma das outras, pois trata-se de uma escola na qual a maioria dos professores busca aperfeiçoamento para conduzirem melhor sua prática educativa, visto isto, vale lembrar ainda que, o município também investe em cursos de aperfeiçoamento.

Os dados serão analisados com relação à falta da afetividade no processo de alfabetização de crianças com déficit de atenção e outras dificuldades de aprendizagem. Sendo assim, não podemos deixar nossos alunos serem submetidos a críticas, sem ter diagnósticos concretos acerca de um possível comprometimento, seja intelectual, afetivo ou emocional.

Ao observar no gráfico a pergunta 1, 70% dos professores demonstram que a falta de afetividade interfere na fase inicial da criança, até porque se este aluno não estiver em plenas condições físicas, psicológicas e emocionais, não conseguirá progredir em seus estudos.

Já na pergunta 2, com 60%, alguns professores trabalham a afetividade com alunos que apresenta déficit de atenção, até porquê o currículo é extenso, as salas cheias, dificultando então a aplicação da afetividade, uma vez que existem diversidades na sala aula e nenhum apoio especializado para ajudar nossos educadores. E os demais 40%, dizem às vezes acabam não vivenciando tal relação intimamente afetiva com seus alunos.

Em relação à pergunta 3, as respostas foram bem diferenciadas. A maioria dos dados revela que os professores mencionam que existem várias dificuldades encontradas em sala de aula tais como: a falta de limites, a ausência dos pais e a falta de profissionais na área. Que impede uma intervenção eficaz com estes alunos. Percebe-se que existe dedicação dos profissionais, mas não existe respaldo dos órgãos competentes, que não contribuem para o avanço da educação.

Um dos focos importantes desta pesquisa é a pergunta 4, com 80% dos professores que relatam que ausência familiar é o fator predominante da falta de afetividade nos indivíduos no contexto atual, que faz com que nossos alunos adoeçam, uma vez que a carência é visível no olhar deles; com isso os pais deixam de ter contato com estas crianças, ocasionando a queda de sua auto-estima colaborando diretamente para que elas se tornem indisciplinadas. Esta alteração comportamental e as atitudes negativas devem ser interpretadas como pedido de socorro, e muitas vezes se dão apenas para chamar a nossa atenção.

Na pergunta 5, com 70% das escolhas, os professores dizem que a falta de afetividade ou rejeição familiar tem grande influência no aprendizado dos alunos com déficit de atenção. A preocupação da escola com estas crianças e com evasão escolar. Até porque estas crianças exigem um olhar diferenciado por parte dos educadores, pois os pais nem sempre aceitam esses tipos de distúrbios nos filhos, e quando as dificuldades de aprendizagem aparecem, cabe aos profissionais da educação estar atentos a estas crianças.

Os dados da pergunta 6, as respostas foram diversificadas. A escola não possui sala de apoio, nem sala de recursos, nem projetos voltados para estas crianças com déficit de atenção. Isto implica em resultados negativos para estes alunos que submetem apenas a intervenção dos próprios docentes.

Estas questões de aprendizagem envolvem uma equipe preparada, que não é possível encontrar nesta escola, podendo assim contribuir para o fracasso escolar deste aluno, ou até a desmotivação pelos estudos. Nem para crianças com dificuldades de aprendizagem, todo este apoio é oferecido aos alunos. São os professores que intervêm apenas aplicando reforço, e acabam frustrados por muitas vezes não alcançarem êxito, por não superarem junto com o aluno tal dificuldade de aprendizagem ou por não serem da área especializada.

Na pergunta 7, com 90% dos educadores, alegam que as dificuldades de aprendizagem estão explícita em ambos sexos, tanto meninos quanto meninas, até porque neste contexto atual a ausência da mulheres em casa tem deixado nossas meninas sem referência e prejudicado as relações escolares, familiares e sociais. Esta ausência familiar é preocupante para o cenário educacional, pois a cada dia vem aumentando o caos em nossas escolas, professores agredidos, o bullying presente ferindo nossos alunos, e sua auto-estima, prejudicando o aprendizado dos nossos educandos causando transtornos irreparáveis.

A pergunta 8, 80% dos mestres citam que houve mudanças significativas no cenário escolar, mas que ainda há necessidade urgente de mais avanço.

Na pergunta 9, 70% dos professores relatam que têm procurado ter um olhar diferenciadamente com alunos que apresentam algum tipo dificuldade, mas que às vezes não conseguem trabalhar a relação afetiva com essas crianças, pelos mesmos motivos já abordados na questão 3.

Os dados da pergunta 10, 60% dos professores sugeriram que devemos ouvir os nossos alunos, e assim conseguiremos então trabalhar a afetividade e ter um olhar diferenciado a eles.

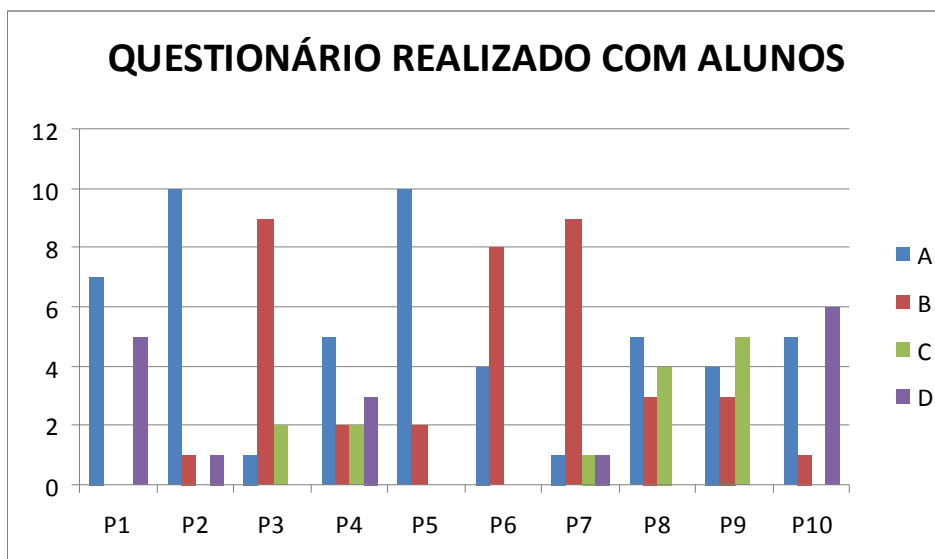


Gráfico2 - Resultado do Questionário aplicado aos alunos.

Legenda: P= pergunta.

Fonte: Escola Municipal Julio Benatti.

Foi realizado um questionário com os alunos com a finalidade de entender a relação professor - aluno, e as dificuldades de aprendizagem, se a ausência de afetividade entre ambos.

O gráfico 2 é referente ao questionário aplicado aos alunos através de perguntas e respostas, mas a análise terá caráter diferente dos professores por se tratar de alunos que estudam em escola integral, que entram para as salas de aula às 07h30min e saem da escola às 16 horas. Todos esses fatores podem influenciar para esta pesquisa.

Os resultados apresentados na pesquisa com os alunos, foram analisados de forma concreta, com um questionário misto, pois existem meninos e menina; os gráficos apresentam diversas respostas que norteiam esta pesquisa. Por se tratar de uma faixa etária inconstante, foram classificados como crianças, então as respostas estão em forma de entrevista, um bate papo, sem comparação direta das respostas.

As crianças entrevistadas acreditam que sua família é bem afetiva, e que conhecem a palavra afetividade, que no contexto escolar a relação professor e aluno é pautada no carinho, respeito e na afetividade, ou seja, uma relação boa.

Em outro momento da entrevista, as mesmas crianças acreditam que existe na sala de aula a falta de afetividade por parte dos professores, até porque se sente carentes em alguns momentos, e os educadores não conseguem atender a todos, até porque nossas salas estão sempre cheias de alunos.

Um dos fatores predominantes no relato deles seria a ausência dos pais, entretanto esta falta de afetividade familiar caracteriza-se uma rejeição inconsciente por parte deles, a angústia de estarem sozinhos, permanecem na escola o dia todo é visível nos olhares, e afirmam que tudo isso pode influenciar no aprendizado escolar.

Na visão deles a afetividade é manterem constante contato físico, com abraços, beijos a todo instante, então que a escola com um todo está carente de mais afetividade em relação a eles. Vale lembrar que entre os alunos fazem parte desta entrevista, existem aqueles que são chamados na diretoria varias vezes ao ano e que são extremamente carentes de afeto.

Os alunos sabem o que são regras, e admitem não cumprir devido a vários fatores, como por exemplo, por quererem ser ouvidos, por não conseguirem, ou até mesmo para chamarem a atenção pra si.

Entretanto, um dado preocupante está no relato de alunos que expressam que os alunos bagunceiros não precisam de ajuda, que preferem não conversar com seu professores, e nem querem ajuda; esta atitude caracteriza que estes alunos são que mais precisam da afetividade constante no contexto escolar.

Os dados da entrevista com os alunos evidenciou, que esses sentem uma necessidade muito grande de atenção, carinho e respeito por parte dos professores, que esperam que o professor seja amigo e possibilite o diálogo, oportunize as opiniões e pare para ouvi-los, para compreender os seus problemas, que seja por fim, mais afetivo, mais receptivo, mais atento. Atenção é o que eles pedem.

As contribuições teóricas apresentadas pelos autores têm fundamento, pois quando Rossini (2008) coloca que “se a criança, está feliz, ela aprende”, vem de encontro com pesquisa na qual 60% dos professores acreditam que a afetividade ligada com um olhar diferenciado citado por Cury (2003), vem contribuir para o aprendizado do aluno. Um ambiente harmonioso, pleno e feliz, vem de encontro com o aprendizado dos alunos.

Por isso, os educadores devem ter paciência, compreensão com aqueles alunos que apresentam comprometimento. De acordo com os autores Gómes e Terán, alunos que tenham comportamentos observáveis de transtornos de déficit de atenção, deverão ser diagnosticados por especialistas, e de uma receptividade afetiva para conseguir lidar com suas dificuldades. Dessa forma, os alunos necessitam que os professores conversem mais com eles, entendam suas

dificuldades, e parem para ouvir seus problemas, seja mais afetivo com eles, pois a atenção é o que eles pedem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada, os resultados nos permitem refletir e repensar a relação professor e aluno, possibilitando uma tomada de conscientização, seguida de ações efetivas, com mudanças de hábitos e de posturas, pois apenas assim conseguiremos assegurar espaços para relações de afetividade.

Para alcançar os objetivos sobre a temática, há uma necessidade da escola, como um todo, de rompermos paradigmas ultrapassados, de que a afetividade deve ser apenas trabalhada no âmbito familiar, e que o aluno está na escola apenas para aprender; mas vale ressaltar que esta criança é um ser social, e que se houverem interferências, sejam elas positivas ou negativas, irão influenciar e mesmo prejudicar a criança, impedindo sua interação com o meio.

Os professores na grande maioria têm buscado relações afetivas, mas ainda não representam um número expressivo, existe o comodismo, a inflexibilidade, a insegurança de sofrer mudanças. E observa-se que os alunos são crianças que carecem de afetividade, devido à ausência dos pais. O desafio é grande, são pequenas sementes e paulatinamente alcançaremos êxito. A criança só aprende segundo Rossini (2001), se estiver feliz, assim ela faz tudo com vontade. Assim a afetividade interfere muito no processo de alfabetização com crianças com déficit de atenção.

Os educadores atuais devem ser motivadores, líderes, além de dominar os conteúdos, devem estabelecer laços de afetividade em sua prática docente. Precisam abrir espaço para relações de afetividade com os alunos, principalmente com os que são tachados de incapazes e rotulados como “este não aprende”, quando na verdade são vítimas das dificuldades de aprendizagem ou qualquer tipo de distúrbios de comportamento.

Sendo o apoio familiar de grande importância neste panorama, um dos pontos relevantes da pesquisa com os professores é a constatação de que infelizmente nossos educandos estão inseridos de um contexto familiar desestruturado. Essas crianças querem somente um olhar, um abraço afetuoso, uma conversa para poderem sentir-se seguros, amados e não rejeitados por nós educadores e pela própria família.

O não aprender de nossos educandos tem levado estudiosos a investigarem possíveis causas. Neste estudo, o processo de alfabetização segundo Cagliari (1998), permite que se façam vários questionamentos acerca da fase inicial da educação com crianças das séries iniciais.

Um ponto forte é que a educação deveria estar em uma via de mão única para todas as escolas; permitindo que o educando, em qualquer instituição que frequente, não sinta dificuldades de assimilação de conteúdos, e vivenciando apenas adaptação de ambiente.

Já em relação às dificuldades de aprendizagem, uma avaliação criteriosa deve ser realizada pela equipe pedagógica e professores, pois existem dificuldades de aprendizagem que são ocasionadas por distúrbios emocionais, permitindo assim que o próprio educador intervenha e ajude este aluno; portanto, verificando suas ações e tendo um bom diálogo com o mesmo o educador é capaz de solucionar o problema através da afetividade, sem valer-se de medidas mais sérias.

Por outro lado, os educandos agitados que demonstram dificuldades de leitura, escrita e desatenção, exige do corpo docente uma postura mais firme, como por exemplo, a ação investigar este aluno a fim de intervir se necessário, encaminhando-o para especialistas que farão diversas avaliações com ele.

Nesse sentido, é válido dizer que os professores tem adotado postura afetiva e que poucos ainda encontram algum tipo de resistência. Contudo, ainda buscam um olhar diferenciado em relação aqueles alunos ditos bagunceiros, permitindo uma relação pautada na confiança e com elogios, incentivando-os. Diante desta busca, o educador procura ser afetivo, porém, impondo limites quando preciso, dando autonomia aos alunos e valorizando-os como ser em processo de construção do conhecimento.

Outro destaque deste estudo é a crença dos alunos na mudança comportamental dos educadores; eles esperam uma relação mais afetiva, esperam que o educador possibilite o diálogo, e se atenha em ouvir também seus problemas. Portanto, devido à ausência familiar, os educandos procuram exemplos e suporte nos educadores na tentativa de suprir suas carências afetivas, colocando-os muitas vezes na posição de seus pais.

Por fim, as escolas vivenciam diversos conflitos dentro do âmbito educacional, então esta pesquisa tem por finalidade sugerir o entendimento da afetividade como instrumento necessário e eficaz no auxílio aos alunos vistos como incapazes porque não se encaixam no padrão de aluno comportado. É preciso bem mais que retirar a

venda dos olhos e enxergar o real cenário da educação no Brasil, é preciso abandonar a comodidade e agir.

REFERÊNCIAS

- ABDA; Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>. Acesso em: 02/04/2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. 1ª ed. São Paulo. Scipione, 1998.
- CERVO, A.I, Bervian, P.A, Silva, R da. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Haal, 2007
- CURY, Augusto Jorge, 1958. **Pais brilhantes e professores fascinantes**/ Augusto Jorge Cury, Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CRESWELL, John.W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FERNANDES, Francisco, 1900-1965. **Dicionário brasileiro globo**. 39 ed. São Paulo: Globo, 1995.
- FERREIRO, E. ; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica docente**. 28 ed. São Paulo. Paz e Terra, 2003.
- GOELLNER M. H. **Hipóteses de alfabetização segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosky**. ARTIGOS.COM. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/hipoteses-de-alfabetizacao-segundo-emilia-ferreiro-e--ana-teberosky>. - 4837/artigo/> Acesso em: 15 mar. 2012.
- _____. Histórico do Município de Nova Esperança. Disponível em: http://www.novaesperanca.pr.gov.br/index.php?Secao=Historico_muni&emp=238>. Acesso em: 30/10/2012.
- JOSÉ, Elisabete. A. COELHO, Maria. T. **Problemas de Aprendizagem**. Ed. Ática, São Paulo, 2001.

LIBÂNEO, José C. **Democratização da Escola Pública a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos**. São Paulo, Loiola, 15ª edição, 1985.

LIMA, J. dos S; SOUSA, R. L. M.; A prática docente e a questão da afetividade na relação professor-aluno. **Revista Ágora-ISSN**, Salgueiro/PE, v. 3, n. 1, p. 06 - 16, 2008. Disponível em: <<http://www.iseseduca.com.br/pdf/revista3/arquivo33.pdf>>. Acesso em: 02 out 2012.

MARCONI, M.A, LAKATOS, E. A. **Técnicas de ensino**. 5. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

MORAIS, A. M. P. **Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 12 ed. EDICON, São Paulo, 2006.

RAPOPORT, A. SARMENTO D. F. **A criança de seis anos: no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, p. 112, 2009.

ROHDE, L. A.; MATTOS, P. **Princípios e práticas em TDAH. Transtorno de Déficit de Atenção Hiperatividade**. Porto Alegre. Artmed, 2003.

SANTOS, C. C. P. dos; SILVA, M. das G.; VIRGENS, M. L. M. das; et. al. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2009. 40f. Monografia de Conclusão de Curso. 2005. Disponível em: <[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path\[\]=139&path\[\]=82](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path[]=139&path[]=82)> Acesso em: 02 out 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo. Cortez, 1988.

SITTA, I. G. **Memorial de formação**. 2005. 43f. Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia. 2005. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-memoriais2005/lracemaGSitta_MemorialFormacao.pdf>. Acesso em: 02 out 2012.

ZUCCHI, Adriana. **Ser afetivo é ser humano**. Mundo Jovem, Porto Alegre, ano XLIII. N.º357.p.06, junho. 2006.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A- Questionário aplicado aos Professores da Escola Municipal J.Benatti.



Ministério da Educação

Universidade Tecnológica Federal Do Paraná

Câmpus Medianeira



Nome: _____ Data: ____/____/____.

QUESTIONÁRIO COM COLETA DE DADOS PARA MONOGRAFIA

Pesquisa realizada **com Professores** da rede Municipal das escolas de Nova Esperança, na fase inicial de Alfabetização, no ano de 2012.

Marque somente uma alternativa em cada questão.

1 – Você acha que a afetividade interfere na fase inicial da alfabetização?

- A – () Concordo
- B – () Discordo
- C – () Concordo parcialmente
- D – () Discordo parcialmente

2 – Na sala de aula você trabalha a relação de afetividade com crianças com déficit de atenção?

- A – () Sempre
- B – () Nunca
- C – () As vezes
- D – () Discordo totalmente

3 – Quais as dificuldades encontradas atualmente para a intervenção do professor em sala de aula com crianças com dificuldades de aprendizagem?

- A – () a falta de limites
- B – () a ausência dos pais
- C – () professores autoritários
- D – () a falta de profissionais na área especializada

4 – Qual é o fator principal, da falta da afetividade nos indivíduos, no contexto atual?

- A – () Ausência familiar

- B – () Carência
- C – () Pais imaturos
- D – () falta de limites

5 – A falta da afetividade ou rejeição familiar tem influência no aprendizado do aluno com déficit de atenção?

- A – () Sim
- B – () As vezes
- C – () Não
- D – () Interfere sempre

6 – A escola em que você trabalha possui algum tipo de projeto para trabalhar com crianças com déficit de atenção? Você aplica algum tipo de intervenção diferenciada?

- A – () Sim. Eu tenho feito capacitação na área específica
- B – () Não. Eu não tenho feito capacitação na área específica
- C – () Não. Eu tenho feito capacitação na área específica
- D – () Não sei. Às vezes faço algum tipo de capacitação na área específica

7 - Atualmente as dificuldades de aprendizagem, estão presentes em nossas salas de aula? Em que grupo fica mais explícito as dificuldades de aprendizagem?

- A – () As dificuldades apresentam, apenas nos meninos
- B – () As dificuldades apresentam, apenas nas meninas
- C – () Ambos apresentam dificuldades de aprendizagem
- D – () Somente com crianças com falta de estrutura familiar

8 - A relação professor aluno deverá ser pautada na afetividade, mas a falta de atenção, o não querer aprender tem influenciado nossos alunos nas últimas décadas. Assim, nossos professores têm encontrado abismos entre educação formal e informal. Portanto como você observa o cenário da educação no contexto atual?

- A – () Houve mudanças significativas
- B – () Discordo do tema abordado
- C – () Ainda necessita avançar muito a educação

D – () Não houve mudanças na educação

9 – Segundo **Cury em seu livro Pais Brilhantes e Professores Fascinantes (2003, p. 64)**, cita que o *“hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver: auto-estima, estabilidade, tranqüilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar”*. **Na sua visão, o contexto atual educacional com tantas divergências, com diversidades cultural, e possível trabalhar as disciplinas do currículo básico comum, e ainda ter um olhar diferenciado para com este aluno que apresenta alguma dificuldade de aprendizagem?**

A – () Sim

B – () Não

C – () Discordo do tema abordado

D – () Tenho procurado ter um olhar diferenciado com nossos aluno

10 – **Em sua opinião o que necessita para que os professores consigam trabalhar a afetividade na sala de aula com um olhar diferenciado?**

A – () Ter foco apenas no aluno e suas necessidades

B – () Uma estruturação no sistema de ensino

C – () Parar, para ouvir os nossos alunos

D – () Menos jornada de trabalho

APÊNDICE B- Questionário aplicado aos Alunos da Escola Municipal J.Benatti.



Ministério da Educação

Universidade Tecnológica Federal Do Paraná

Câmpus Medianeira



Nome: _____ Data: ____ / ____ / ____.

QUESTIONÁRIO COM COLETA DE DADOS PARA MONOGRAFIA

Pesquisa realizada **com Alunos** da rede Municipal das escolas de Nova Esperança, na fase inicial de Alfabetização que apresentam dificuldades de aprendizagem no ano de 2012.

Marque somente uma alternativa em cada questão.

1 – Você conhece a palavra afetividade?

- A – () Sim
- B – () Não
- C – () Desconheço
- D – () Minha família e bem afetiva

2 – Na sala de aula como é a relação com seu professor (a)?

- A – () uma relação boa
- B – () a professor briga diariamente comigo
- C – () Não conversamos
- D – () Conversamos muito

3 – Quais as dificuldades encontradas hoje por vocês na sala de aula com relação a afetividades do professores?

- A – () professores são sérios, não conversam
- B – () a ausência da afetividade
- C – () professores autoritários
- D – () apenas passam conteúdos no quadro

4 – Qual é o fator principal, da falta da afetividade nas pessoas? O que vocês acham?

- A – () Ausência dos pais
- B – () Carência
- C – () Pais que não se preocupam com seus filhos
- D – () falta de limites nas crianças

5 – A falta da afetividade ou rejeição familiar tem influência no aprendizado do aluno?

- A – () Sim
- B – () As vezes
- C – () Não
- D – () Interfere sempre

6 – A escola em que você estuda os alunos, os professores, os diretores, e demais funcionários são afetivos com vocês?

- A – () Sim
- B – () Não
- C – () Não sei dizer
- D – () Sempre todos são afetivos comigo

7 - Atualmente os alunos, não vêm cumprindo as regras na sala de aula, e nos pátios das escolas, na hora do recreio. Você concorda com esta afirmação?

- A – () Sim, tenho dificuldades em cumprir
- B – () Não
- C – () Verdade, sempre bagunço muito
- D – () Procuo cumprir as regras, mas não consigo,

8 – Vocês acham que aos alunos bagunceiros precisam da afetividade e a ajuda dos professores?

- A – () Sim, as vezes preciso conversar com meu professor
- B – () Acho que não , nunca conversei com ele sobre meus problemas
- C – () Não, prefiro não conversar, e nem quero ajuda
- D – () Gosto quando meus professores conversam comigo e me ajudam

9 – Os alunos bagunceiros da nossa escola são a maioria formada por?

- A – () Meninos
- B – () Meninas

C – () São os meninos e as meninas

D – () Ninguém bagunça

10 – Em sua opinião o que necessita para que os professores sejam diferentes com vocês?

A – () conversar mais com vocês, ouvir seus problemas

B – () Ser menos duro, brigar menos

C – () ser mais afetivo comigo, pois meus pais não me dão carinho

D – () Parar para me ouvir mais, e ser mais afetivo comigo